

CALEIRA

CALEIRA

Desiree Giusti

BeLém . 2019

o tempo faz buracos

21.05.19

~ lab. de projetos

Das coisas que não sei

A viagem e os sonhos

• minha mãe teve três gestações,
nascemos das doces e contações
profundas de seu útero ainda
jovem. ~~Não por acaso nasci na
filha de mãe~~

• mãe, quais eram os seus sonhos?

~ quando as fotografias, todas elas,
que eram de meus pais. Não lembro
desde quando e nem o porquê, mas
parece que elas sempre estiveram
comigo. Revivo de tempos em tempos,
como um romance que é preciso
reler, as fotos não para viver.

meu pai fez essa viagem sozinho,
não sei pra onde e nem o porquê
comprou quando. Outro dia perguntei às

DIA 1

Cheguei em Limoeiro do Ajuru na hora do sol poente, a luz fazia um reflexo na água, praia com gotas; minúsculas partículas cintilantes. depois reluz no olho aberto ou fechado, perto ou longe da praia. por horas.

DIA 2

Conheci seu Milton por acaso enquanto aguardava o professor Alaerce, ele não me deixou fazer nenhuma fotografia, mas me contou que as coisas são como são pela pura vontade de deus. as conchas da Caleira foram colocadas lá pelas próprias mãos dele, ainda ressaltou que por mais estranho que pareça, é assim o mundo, bem como deus deseja que seja. a vendinha do seu Milton era toda de madeira, quase vazia, pintada de azul desbotado, o mesmo tom dos olhos dele, o pão dividia o espaço do balcão com um ventilador que apontava para a cadeira quase escondida onde ele ficava. imagem já formada na minha mente, ainda que sem o registro fotográfico. voltei na casa do professor Alaerce, bati palmas na porta, como costume de interior. tomamos um café coado com erva doce enquanto ele me contava, por longos minutos, histórias de visagem, de como as ilhas se formam do enlace de troncos com mururé. depois me levou na casa da Dona Chica, atrás da cidade, na beira do rio. mais um copo de café e mais tantas outras histórias. queria poder me demorar ali.

DIA 3

no caminho de volta um pequeno barco desatraca do único porto da cidade, às cinco e meia da manhã, não sei se por acaso ou por total vontade de contemplação. dá para ver certinho o sol saindo da água, uma bola amarelada revelando as árvores, as poucas casas, os pássaros e tornando a paisagem possível. cheguei em Belém às 11 da manhã, passei o dia inteiro com a sensação de estar num barco, balançando de um lado para outro.



DOMA CHICA

No torrão da caleira era muito alto, em cima tinha coqueiro, goiabeira, tinha limoeiro e tinha um poço, aquela água dançava dentro daquele poço, mas a gente tirava aquela numa vasilha e quando chegava não tinha água mais, aquela água fugia da gente. Eu ia com meu marido apanhar cacau e ele dizia assim: olha não fica só que aqui é tapera.

Eu já tinha a primeira filha e chegou os americano aqui em Limoeiro, foram na casa do meu sogro e falaram pra ele que queriam olhar a caleira, eles achavam que tinha uma mina de ouro misturado com petróleo, e aí ele disse: te dou 200 cruzeiro, naquele tempo 200 cruzeiro era dinheiro pra valer, aí meu sogro disse: não, deixa minha terra ficar lá e agasalha teus 200 cruzeiro.

Tinha um negócio numa roda grande, aonde tinha uma corrente que vinha do rego do Igarapé e caía assim no berço de tacho, por cima de um galho de uma samaumeira, descia até embaixo, exclusive eu até bati nessa corrente e era de ferro, mesmo, agora sumiu tudo.

Era muito feio, era muito ruim, era muito visagento, exclusive eu vi uma coisa na caleira que até hoje eu falo pros meus filhos, naquele tempo nós fumava no cachimbo do americano, um dia nós foi lá apanhar cacau e eu fiquei moendo na mão o tabaco, depois meti no cachimbo e acendi, quando eu acendi o fósforo eu vi aquilo barulhar pra trás de mim e eu rudei, tinha um homem e uma senhora mexendo no chão, tinha anel, cordão, moeda, tudo em grande quantidade.

e eu levei a mão pra pegar mas fiquei com medo do homem me apulgar, meu marido não enxergou.

Aquela caleira lá não era qualquer um que passava lá. Era deserto pra lá.

Meu sogro contava que era onde os cabanos moravam, mas todo mundo tinha medo dessa Caleira.

Na época que eu ia pra lá eu achava anel, cordão, canela de gente, osso, até o crânio da pessoa inteiro, as perna a gente achava, não sei se era de cabano ou de cristão que matavam por lá. agora já não existe mais essa coisa. Eu não sei se o Macário ainda tem uma saca com osso lá, agasalhada.

O Ducelelino, irmão do Sodré, ele ficou doido, ele passou seis horas lá e chamaram ele, ele improstou.

Esta cidade história tem

Passei muita dificuldade pra criar esses filhos, meu marido morreu e eu fiquei na sofridão, eu colhei camarão de noite, eu trabalhei de noite, cortei palmito, tirei madeira, tudo isso eu fez pra criar 7, pra tratar de 7 filhos, aí todo mundo me diz arruma homem, arruma homem que ele te ajuda, e eu não, eu vou casar, vou arrumar outro homem, o homem não vem por causa de mim, vem por causa das minhas filhas que são bonitas e eu já to velha, tô idosa, então não quero, não quero, já chega.







SEU MACÁRIO

Eu não vejo visagem aqui, já faz 40 anos que tenho essa casa, nunca deu visagem. As conchas são daí, da terra, igual o pé de mamão, de limão, de coco.





SEU SAPO

As conchas que foram jogadas lá na Caleira era de uma fábrica de botão, tirava só um pedacinho pra fazer botão e deixava os resto lá. É como uma torre, se for subindo e olhar o outro que ficou lá embaixo ele fica grito. Mas eu ainda não entendi direito esse negócio porque a concha daqui da baía não é essa concha colorida a daqui é preta e não é poucos dias pra chegar no oceano e achar concha colorida. Mas nesses tempos eu nem existia por aqui.





SEU ALAERCE

Existe a possibilidade de que os cabanos vieram se esconder pra cá, o rio Muaná é propício para moradia e fácil de se esconder, então os cabanos se esconderam para lá. Antigamente tinha muita visagem, mas já espantaram a visagem de lá. Agora se tornou um lugar urbano, expulsaram a visagem, pela primeira vez a visagem foi vencida.



SEU MILTON:

A caleira é um lugar que foi criado por Deus. Deus faz como ele quer, coloca as coisas onde ele quer. É estranho mas foi a vontade Dele.



A mulher do fígado preto
crendice do interior, lá de Limoeiro do Ajuru

pé de limão e pé de ajuru

o maúdo que mere por culpa do fígado

caleira; lugar sem defnição

NOTAS

NOTAS

